

RELAÇÕES ENTRE O SENSÍVEL E O COTIDIANO NO ENFRENTAMENTO AO COVID-19 PARA O PROCESSO CRIATIVO

RELATIONS BETWEEN THE SENSITIVE AND EVERYDAY LIFE IN FACING COVID-19 FOR THE CREATIVE PROCESS

Edson Gabriel Del Menico Corazza ¹

Henrique Gil Arnoni²

Joedy Luciana Barros Marins Bamonte ³

Mônica Cristina de Moura⁴

Galdenoro Botura Junior⁵

Resumo

Na contemporaneidade, há diversas áreas que passam a se integrar de modo a proporcionar outras e novas soluções para problemas latentes do nosso tempo. A pandemia instaurada pelo vírus Covid-19, evidenciou problemas para além dos fisiológicos, evidenciando questões psicológicas e emocionais que já se faziam presentes em nossa sociedade. Este artigo objetiva aproximarmos-nos de espaços que nos remetam a um ambiente seguro e de afeto por meio de objetos de design, valendo da intersecção não linear dos processos criativos e subjetivos entre design e arte. Utilizamos a memória como ponto de partida para esses espaços, em um diálogo com profissionais da saúde que estiveram na linha de frente em ambiente hospitalar, percebendo seus anseios, sensações e sentimentos durante esse período. Como resultado desta pesquisa, apresentamos o processo criativo e o desenvolvimento de uma estampa aplicável a vestíveis, pautada na memória e percepção destes profissionais, criando uma narrativa capaz de proporcionar novos espaços de conforto e tranquilidade para pacientes e atuantes da área da saúde.

Palavras-chave: design e comportamento; design e memória; design contemporâneo; design e artes visuais; inovação; covid-19.

Abstract

In contemporary times, various fields are integrating to provide alternative and innovative solutions to latent issues of our time. The pandemic caused by the Covid-19 virus has revealed

¹ Mestrando em Design, Universidade Estadual Paulista, Unesp, Bauru, São Paulo, Brasil. gabriel.corazza@unesp.br; ORCID: 0000-0002-3451-3432.

² Mestre em Design, Universidade Estadual Paulista, Unesp, Bauru, São Paulo, Brasil. henrique.arnoni@unesp.br; ORCID: 0000-0002-6539-7825.

³ Professora Doutora, Universidade Estadual Paulista, Unesp, Bauru, São Paulo, Brasil, joedy.bamonte@unesp.br; ORCID: 0000-0002-9519-624X.

⁴ Professora Doutora, Universidade Estadual Paulista, Unesp, Bauru, São Paulo, Brasil, monica.moura@unesp.br; ORCID: 0000-0002-9994-6669.

⁵ Livre Docente, Universidade Estadual Paulista, Unesp, Bauru, São Paulo, Brasil. galdenoro.botura@unesp.br; ORCID: 0000-0002-5680-6017.

problems beyond the physiological realm, shedding light on psychological and emotional issues that have long existed in our society. This article aims to explore spaces that evoke a sense of safety and affection through design objects, leveraging the non-linear intersection of creative and subjective processes between design and art. We use memory as a starting point for these spaces, engaging in a dialogue with healthcare professionals who have been at the forefront in hospital settings, understanding their desires, sensations, and emotions during this period. As a result of this research, we present the creative process and development of a pattern applicable to wearables, rooted in the memories and perceptions of these professionals, creating a narrative that can provide new spaces of comfort and tranquility for patients and healthcare practitioners.

Keywords: behavioural design; memory design; contemporary design; design and visual arts; innovation; covid-19.

1. Introdução

Nos últimos anos nos deparamos com transformações e rupturas em nossos contextos de vida que estão para além dos crescentes avanços tecnológicos e seus processos de inovação. Vivenciamos nesses tempos novas dinâmicas sociais desencadeadas por diversos conflitos políticos, catástrofes naturais, bem como o surgimento de novas doenças, em destaque para a recente pandemia de Covid-19 a qual ainda vivenciamos. Nos últimos dias do ano de 2019, um novo vírus, de causa e efeitos desconhecidos, surge colocando em isolamento social e alerta todo o mundo ao se caracterizar como pandêmico.

Para além das questões de saúde física, desencadeadas por tal situação, a maneira como lidamos com as perdas, sentimentos e sensações como angústia, medo e ansiedade, passam a ampliar a dimensão e a complexidade que atravessam esse momento.

Já não distinguimos aqui o físico do mental, bem como os danos causados por tal intersecção, são males e doenças que atravessam a contemporaneidade, advindos da exaustiva produtividade dos sujeitos e, por consequência, o exponencial crescimento de doenças neuronais, como já alertado por Byung-Chul Han (2017). Este autor, considera que a sociedade disciplinar, dominada a partir da negatividade do dever, dá espaço a sociedade de desempenho, ordenada pela positividade da produtividade. Para ele, a falsa ideia de liberdade e a construção de um modelo irreal, levam o sujeito ao exagero da produtividade, proporcionando um extremo cansaço e estafamento físico e psicológico. É neste discurso da positividade que se constrói uma incansável produtividade, onde este excesso acaba por multiplicar a presença de doenças neurológicas no novo século como depressão, ansiedade, Transtorno de Déficit de Atenção com Síndrome de Hiperatividade, ou Síndrome de Burnout.

São doenças ocasionadas pela exaustão do que nos perpassa, ligadas a um tempo marcado por anseios latentes, capazes de nos fazer questionar a percepção daquilo que convencionamos enquanto uma rotina e contextos de vida, alterando também, o entendimento destes encontros que nos atravessam.

Estes anseios colocam em dúvida os caminhos para os quais estamos trilhando e nos levam à reflexão não somente das consequências, mas, ainda, suas causas e todas as possibilidades e modos de lidar para além do palpável. Nos levam, assim, a explorar meios sensíveis e subjetivos no encontro de tais problemas na contemporaneidade.

Contextualizamos aqui, onde a definição de contemporâneo está para além do seu entendimento cronológico, mas, como aquele que nos permite a reflexão dos anseios latentes,

seja ele observado no agora, passado recente, ou em suas relações históricas e sociais (MOURA, 2010). É necessário ainda distanciar-se para entendê-lo em sua complexidade e, ainda, ao que não está nítido, mas atravessa relações simbólicas e subjetivas nas mais simples dinâmicas sociais, como explica Giorgio Agamben como uma “singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo” (AGAMBEN, 2009).

Por isso, a fim de entender sua complexidade, este é um tempo que traz novos diálogos entre diferentes campos do conhecimento, antes não relacionados ou, de alguma maneira, distantes. São áreas práticas como a engenharia de produto e o desenvolvimento tecnológico que se aproximam de áreas subjetivas dentre as ciências humanas, em específico, a arte e o design, onde agora buscam uma melhor compreensão dos problemas contemporâneos e suas possíveis soluções.

Importante ainda destacar que as relações entre a arte e o design se estreitam neste tempo e estão para muito além das questões formais ou imagéticas, as quais percorrem afora das práticas disciplinares. Se de algum modo não conseguimos estabelecer limites entre ambos os campos ao que se refere à obra de arte, o produto ou a ação, ainda é possível falar das questões projetuais. A arte ainda que sempre reflexiva e contestadora, observada anteriormente por meio de processos criativos singulares, agora utiliza da inserção de tecnologias, possibilidades em processos e criações, ou mesmo na interação do espectador, trazendo sua participação além daquela enquanto sujeito fruidor, mas também participante da obra. O design por sua vez, antes entendido como algo apenas funcional e racional, sem o destaque da figura do designer, valendo-se dessas mesmas possibilidades e intersecções, valoriza agora a autoria, concebe o designer-artista, evidenciando não só a individualidade, mas também, a subjetividade, seus processos criativos e meios de expressões, por onde passam a demarcar suas identidades.

Para a arte e o design, o processo criativo e, também, o processo projetual e o work in progress tornam-se algo amplamente discutidos e pertinentes, constituindo, parte da obra e produto. São processos que passam a ser evidenciados, mostrados como parte necessária a ser contada para aquilo que será resultado.

Na contemporaneidade, discutimos a presença da sensibilidade para a construção das realidades. Essas experiências são, ainda, uma das modalidades de entendimento para o processo criativo, por nos levarem a sensações que só podem ser exploradas por meio da subjetividade. Aqui, traremos um diálogo entre o sensível e as emoções exploradas por via da memória, da relação entre a subjetividade e o cotidiano, em específico no enfrentamento à Covid-19 no período de pandemia nos anos de 2020 e 2021.

A escolha da memória se dá por um fator singular na aproximação de afetividades ao serem acessadas, no afago das dores ao tornarem-se presentes e, principalmente, a nos levarem à lugares de conforto e tranquilidade em momentos difíceis como coloca Ecléa Bosi (1979) “[...] as lembranças estão na cola das percepções atuais. A memória seria o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas, o que busco no passado efetiva o realizar no presente”. A autora propõe ainda, que a memória teria a função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir modos de comportamento que já deram certo (BOSI, 1979).

Por meio da memória reproduzimos alguns padrões e ações ao pensarmos que essa se constrói a partir das experiências sensíveis que partilhamos. São essas lembranças capazes de

organizar nossas relações futuras, onde podemos dizer que “suas relações se estabelecem de maneira íntima e afetiva aos nossos pensamentos, ideias, lembranças, fagulhas de sensações que se constituem como representações e constroem a personalidade e identidade a partir do reconhecimento do já visto e vivenciado” (ANDRADE E MOURA, 2016).

Em sua relação aos objetos e artefatos de arte e design é por meio deles que as experiências sensíveis são novamente vivenciadas, utilizando das lembranças afetivas que constituem, constroem e reconstróem nossa memória (ANDRADE E MOURA, 2016):

Quantas vezes é o objeto que nos leva a lembrar de uma pessoa, de uma situação, de um lugar, de uma viagem. E como é bom e familiar encontrar um objeto que já conhecemos porque fez parte de nossa história. As idas e vindas de estilo na história estética do ser humano pode ser explicada pela necessidade afetiva de reencontros, incluindo-se aí o reencontro com objetos, ambientes, lugares. (ANDRADE E MOURA, 2016, p. 92)

Desse modo, este artigo propõe como objetivo aproximarmo-nos de espaços que nos remetam a um ambiente seguro e de afeto através de objetos de design, valendo da intersecção não linear dos processos criativos e subjetivos entre design e arte. Utilizaremos aqui, a memória como ponto de partida para esses espaços, em um diálogo com profissionais da saúde que estiveram em contato iminente com pacientes em tratamento à Covid-19 em ambiente hospitalar, por meio de um processo criativo percebendo seus anseios, sensações e sentimentos durante esse período, atrelando ainda, a mais um campo distinto das áreas das ciências humanas, no desenvolvimento de design de superfícies aplicáveis a têxteis, presentes no vestuário de profissionais da área da saúde.

Na contemporaneidade, pode-se afirmar que o processo tecnológico relacionado ao vestuário acompanha a evolução do homem, havendo sempre, devido a isso, a necessidade do desenvolvimento de têxteis que desempenhassem outras funções. Como por exemplo, as fibras químicas contribuíram para o desenvolvimento dos tecidos técnicos caracterizados por desempenhar diferentes funções, atendendo assim, às exigências do homem contemporâneo, (PEZZOLO, 2007). O estudo de tecidos inteligentes é um campo emergente em pesquisas científicas e busca o desenvolvimento de novas possibilidades de têxteis, como, por exemplo, a possibilidade de reagir a estímulos externos de maneira automática e/ou programada.

O processo de desenvolvimento desses materiais, se iniciou na década de 1960, a partir da criação dos primeiros tecidos com memória de forma e, posteriormente, nos anos setenta com os géis poliméricos; porém somente a partir dos anos noventa é que os tecidos receberam novas tecnologias e puderam ser considerados inteligentes, FERREIRA et al. (2014).

Levando-se em consideração que as peças do vestuário são de suma importância para o homem, em seu processo evolutivo desenvolveu não somente características fisiológicas, como também comportamentais. Desse modo, a evolução do vestuário têxtil apresenta o desenvolvimento de tecidos diversos em aspectos técnicos e subjetivos, visando atender às necessidades e características do ser humano, bem como voltar o olhar para pessoas que estão constantemente inseridas em ambientes que oferecem riscos a biossegurança e que implicam não só questões fisiológicas, mas também psicológicas.

2. Material e métodos

Para o desenvolvimento do presente artigo foram utilizadas ferramentas de coleta de dados, bem como de análise de dados sendo, respectivamente, Google Forms e planilhas Excel. Foram

realizadas análises das questões, assim como correções e modificações, adequando o formulário para que seja claro, coerente e objetivo em relação aos padrões normativos da língua portuguesa, garantindo plena interpretação das informações presentes no formulário. Ao questionário de pesquisa foram elaboradas 17 questões, dentre elas, múltipla escolha e caixa de seleção possibilitando assim, optar por mais de uma alternativa. Devido ao fato de ser um levantamento de dados com seres humanos, o estudo atende a Norma de Deontologia do Ergonomista Certificado (ERGBR-1002 / ABERGO, 2003); a participação de voluntários com e sem deficiência sendo esta etapa individualizada, com livre escolha e sem quaisquer categorias de coação, atendendo a Resolução 510/16 CNS-MS.

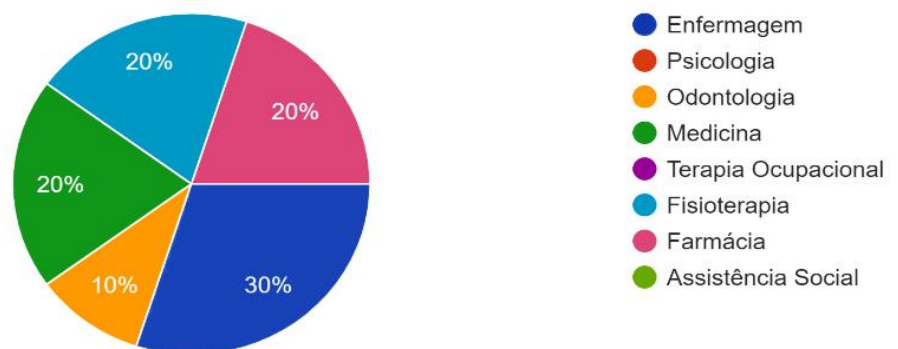
O formulário foi elaborado contendo um Termo de livre esclarecimento (TCLE) e avaliação de preferência segundo o julgamento pessoal e baseado na necessidade, disponibilidade, acessibilidade e vivências dos respondentes. Ele foi apresentado ao grupo focal de profissionais da saúde de modo aleatório via “internet” que contou com a participação voluntária de dez pessoas. Sendo randomizado para a divulgação em mídias sociais, através da plataforma “online” Google Forms.

Foram analisadas as respostas de todos os correspondentes não havendo descartes ou invalidação das 10 respostas compostas por: 40% de autodeclarados do gênero masculino e 60% sendo do gênero feminino, com faixa etária predominante de 26 a 35 anos, correspondendo a 50% dos entrevistados e, por questões de acessibilidade, nenhum dos participantes relatou ter quaisquer tipos de daltonismo. Entre os entrevistados temos algumas áreas distintas da saúde, entre elas: Enfermagem, Psicologia, Odontologia, Medicina, Terapia Ocupacional, Fisioterapia, Farmácia e Assistência Social (Figura 01).

Figura 1: Atuação profissional dos entrevistados.

Especifique sua área de atuação Profissional dentro da área da saúde:

10 respostas



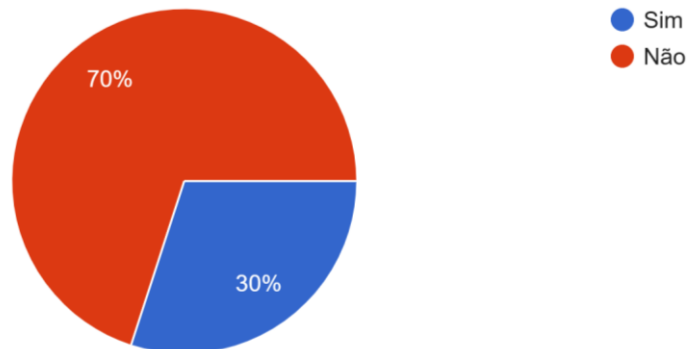
Fonte: Elaborado pelos autores.

Os respondentes foram divididos em dois grupos: os que contraíram Covid-19 no período de 2019 à 2021 e os que não contraíram, sendo 70% aqueles que não contraíram a infecção e 30% os que contraíram (Figura 02), este grupo constitui-se de pessoas que desenvolveram sintomas leves representando 66,7% e moderado/ grave 33,3%.

Figura 2: Percentual de respondentes infectados e não infectados.

Contraíu Covid-19 entre 2019 e 2021?

10 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores.

O grupo que vivenciou a doença foi questionado a respeito de quais foram as memórias (lembranças) que foram acessadas neste período de infecção e 100% dos entrevistados desse grupo apontaram memórias de pessoas que amam. Também foram questionados nesse momento, a respeito do que mais sentiram falta durante o período de tratamento da infecção, levando em conta, o isolamento e a falta de contato com outras pessoas e vivências do cotidiano. Dentre as opções, que permeavam entre, uma pessoa, um objeto, práticas esportivas, passeios comuns e de lazer, destacam-se as respostas da ausência de **atividades manuais, contato com a natureza e uma vivência** (Figura 03).

Figura 3: Relação do que os entrevistados mais sentiram falta durante a infecção.

O que mais sentiu falta durante esse momento (durante o período de tratamento covid-19)?

3 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores.

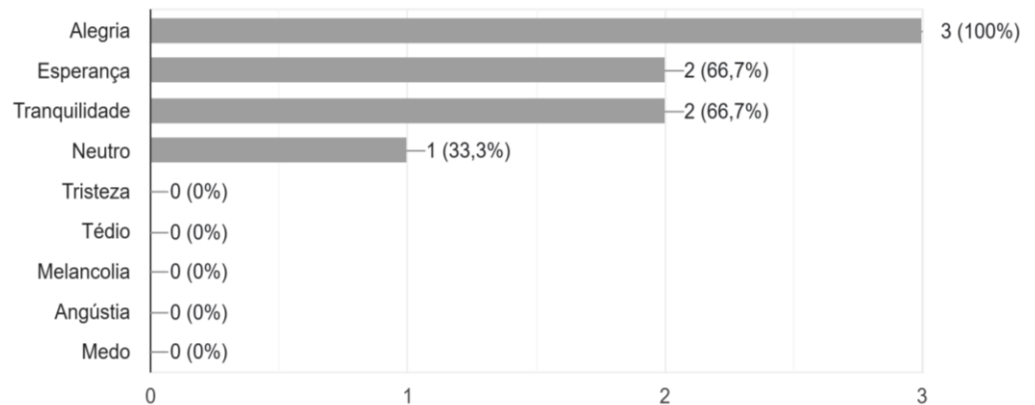
Também foi considerado o sentimento percebido pelos entrevistados após o período de infecção da doença, ou seja, ao vencerem o Covid-19. Predominantemente, foram

sentimentos de alegria, esperança e tranquilidade, em detrimento de sentimentos como tristeza, tédio, melancolia, angústia e medo não obtendo pontuação (Figura 04).

Figura 4: Relação de sentimento dos entrevistados ao vencer o Covid-19.

Qual foi o sentimento ao vencer o Covid-19

3 respostas



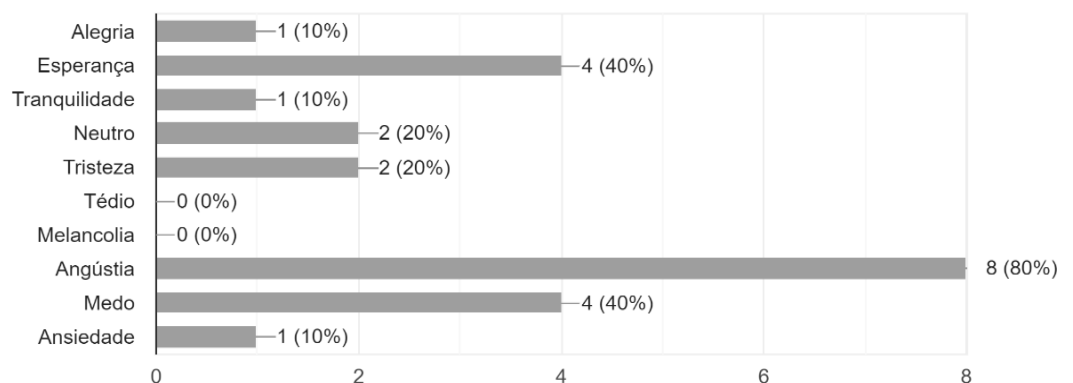
Fonte: Elaborado pelos autores.

Em contraponto, quando questionados a respeito do momento ao entrar no ambiente de trabalho, o sentimento mais recorrente foi a angústia (Figura 05) que, ao ser relacionado a uma cor na questão seguinte, resultou na escolha do conjunto de cores que variam entre vermelho e roxo, indicada pelo número 3 (Figura 06) no círculo cromático (Figura 07).

Figura 5: Sentimento recorrente no ambiente de trabalho dos entrevistados.

Qual foi o sentimento mais recorrente ao entrar no ambiente de trabalho durante a pandemia?

10 respostas

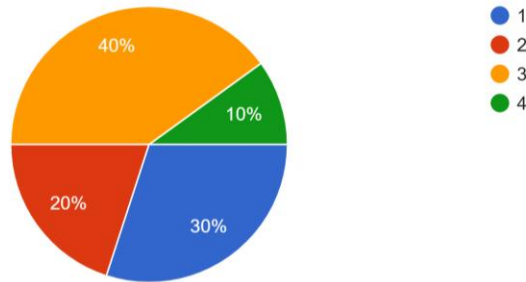


Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 6: Conjunto de cores relacionadas ao sentimento no ambiente de trabalho.

Em relação ao sentimento ou sentimentos marcados na questão anterior (momento ao entrar no ambiente de trabalho), selecione um dos conjuntos de cores:

10 respostas



Fonte: Elaborado pelos autores.

O grupo de cores representados pelo quadrante 3 se destaca por representar a opinião de 40% dos entrevistados que relacionam tons de vermelho e violeta ao momento de entrar no ambiente de trabalho.

Figura 7: Círculo Cromático.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Aqui, identificamos que enquanto percepção de senso comum, a atribuição de um sentimento como a angústia está intimamente ligado a tons que se apresentam entre vermelho e roxo no círculo cromático. No processo de estudo de cores isso indica que essas tonalidades devem ser colocadas estrategicamente em pontos e elementos coadjuvantes, colaborando apenas para a composição harmônica final da proposição de estampa. É válido pontuar que nenhuma das cores citadas é entendida ou interpretada como “ruim”, mas sim como um elemento que proporciona, em conjunto com outras, maior ou menor percepção de conforto, sendo este o objetivo central deste estudo.

Para concepção da paleta de cores foi utilizado a psicologia das cores, que as coloca como responsáveis por gerar sensações em seres humanos. Destacam-se cores como azul, verde e laranja que respectivamente representam, segundo Heller (2000), simpatia, harmonia, fertilidade e esperança bem como recreação e sociabilidade. São, ainda, características entendidas como necessárias para percepções de conforto, no que diz respeito às peças do vestuário profissional de atuantes da área da saúde.

Com os resultados extraídos com o grupo focal, foi possível desenvolver um Painel semântico (Figura 08) o qual auxiliou como um ponto de partida de cores, tons, formas e contra formas que estariam presentes no produto proposto. Desse modo, traçamos um caminho para uma narrativa que leve aos elementos antes citados pelos entrevistados, pensando não só na paleta de cores que se constrói como também ao que se refere ao processo criativo das formas e elementos plásticos necessários para isso.

Figura 8: Painel Semântico.



Fonte: Elaborado pelos autores.

A ferramenta painel semântico atuou como uma etapa a favorecer o uso dos elementos como meios expressivos para comunicar paz, harmonia, equilíbrio e tranquilidade em ambientes que carecem de tais características. O painel constitui-se de ilustrações e cores que remetem à vida e à tranquilidade de momentos e ao contato e deu suporte aos esboços (figura 9).

Observamos na Figura 9 os esboços realizados para o desenvolvimento dos elementos que compõem a estampa. A escolha da técnica de aguado, aquarela e lápis aquarelável, se dá a partir de uma das faltas apontadas pelos entrevistados durante o período de infecção: as atividades manuais, onde, dentre outras, apresentam a pintura e o desenho.

Os rascunhos foram elaborados a partir das relações entre cores, sentimentos, tanto pós ao período de infecção e durante o trabalho nas unidades de saúde, bem como as ausências e desejos apresentadas pelos respondentes nestes momentos de isolamento.

Figura 9: Rascunho e proposição de cores.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Para a proposição da estampa, prevalece a quantidade de elementos relacionados à natureza, sendo esta, uma das faltas respondidas, mas, também por representar o equilíbrio, juntamente com elementos lúdicos responsáveis por favorecer a conexão com um espaço alternativo e alheio ao ambiente de trabalho em unidades de saúde, representados por nuvens e barquinhos de papel. Para proporcionar uma vivência e o contato de alguém que se ama, foi construída uma narrativa por meio de ilustrações de um piquenique, capaz de transportar para este lugar do sonho e do imaginário. Representamos ainda, no uso do tom escuro da cor azul, um caminho para favorecer o lúdico, trazendo profundidade à estampa.

A partir da exploração dos elementos alcançados por meio da pesquisa, abordamos diversas discussões que proporcionassem uma tradução dos valores e necessidades percebidas, com base nos elementos plástico-formais. Buscamos ainda, construir uma narrativa que perpassasse pelas memórias coletivas e, de alguma maneira, convencionassem os sentimentos que foram explorados para além dos “efeitos cumulativos da disposição dos elementos básicos, mas também no mecanismo perceptivo universalmente compartilhado pelo organismo humano” (DONDIS, 2003). No que se refere à percepção das cores, a paleta selecionada, bem como suas nuances e tonalidades, versam com as colocações da autora, evidenciando a necessidade de equilíbrio buscada pelo ser humano.

Também Segundo Heller (2000), cada cor tem sua própria vibração energética, capaz de afetar o humor e o comportamento das pessoas de diferentes maneiras. Desse modo, ao

trabalhar com as cores, é possível criar sensações de harmonia, equilíbrio e bem-estar. A exemplo, cores quentes como o vermelho, o amarelo e o laranja, são capazes de criar um ambiente vibrante e estimulante, enquanto cores frias como o azul e o verde podem proporcionar uma sensação de tranquilidade e serenidade.

Portanto, como ponto de partida, o equilíbrio torna-se elemento fundamental para o pensamento e desenvolvimento deste projeto, ao passo que, não só identificamos seu conceito como algo que sensorialmente faz falta aos entrevistados, mas também trazem fortes elementos para o significado que a estampa desenvolve, já que segundo Dondis:

A mais importante influência tanto psicológica como física sobre a percepção humana é a necessidade que o homem tem de equilíbrio, de ter os pés firmemente plantados no solo e saber que vai permanecer ereto em qualquer circunstância, em qualquer atitude, com um certo grau de certeza. (DONDIS, 2003, p.35)

Desse modo, aproximamos a estampa de uma narrativa que contemple tais elementos e que partilhe de uma subjetividade, sendo capaz de acessar a todos, ainda que, posteriormente, possa atingir singularmente a cada um. Assim, a partir da ideia de como construímos nosso pensamento visual e repertório por meio das experiências e memórias, pudemos trazer elementos que permeiam todos os significados próximos para aquilo que convencionamos enquanto equilíbrio, como sugere ainda Dondis (2003), onde “compartilhamos os significados associativos da cor das árvores, da relva, do céu, da terra e de um número infinito de coisas nas quais vemos as cores como estímulos comuns a todos. E a tudo associamos um significado”.

Contudo, buscamos aqui associar elementos que não só tragam memórias e acessem esse lugar comum e de tranquilidade, mas também sejam capazes de contar uma narrativa, bem como criar uma história para aquilo que até então temos guardado na lembrança. Ao trazermos a memória para além desse acesso e resgate das experiências, construímos sua ideia enquanto possibilidade de propor, naquele espaço seguro ao qual remete, um novo lugar com prazeres do passado inseridos no presente, como sugere Moura e Andrade:

Ao lembrarmos, associamos novos conhecimentos, nossas percepções e interpretações e novas informações ao fato lembrado. A memória não é isenta de interlocuções e é muito criativa. Ao lembrarmos-nos de algo ou de uma situação acionamos não apenas o cognitivo, mas também o emocional, que é somado às nossas atuais experiências de vida. Dessa forma, entrelaçamos o passado vivido às nossas convicções e à nossa existência no presente. A memória diz respeito aos conhecimentos e vestígios do passado que já estiveram disponíveis, às recordações que no presente se somam a outros olhares e, inclusive, a novas informações. Evocamos a recordação e a tornamos presente. (ANDRADE E MOURA, 2016, p.93)

Não somente devemos nos atentar a construção e desenvolvimento da estampa, como também em sua aplicação. É necessário pensar qual outro objeto possa ter juntamente esse fator simbólico, capaz de potencializar aquilo que este projeto propõe. Assim, ao entendermos as relações da roupa, seja essa um jaleco ou acessórios, com as lembranças, podemos mencionar diversas peças que nos trazem um afeto, carinho, e uma lembrança sempre que as vestimos.

Conforme Stallybrass (2008) “a roupa tende, pois, a estar poderosamente associada à memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória” (STALLYBRASS, 2008). Isso se deve ao trazermos a ideia de que, para além do corpo que finda, a roupa

permanece e, permanece com a dor e a alegria que presenciaram em memória junto ao corpo que a vestiu. Uma singular relação que nos leva a pensar onde essa estampa em desenvolvimento deve ser aplicada. Ainda segundo o autor, “as roupas recebem a marca humana. As joias duram mais que as roupas e podem nos comover. Mas embora elas tenham uma história, elas resistem à história de nossos corpos” (STALLYBRASS, 2008), uma relação capaz de criar ainda uma subjetividade entre memória, corpo e objeto naquilo que se constrói entre o corpo e o objeto.

3. Resultados

Os dados coletados levaram a resultados que contribuíram para o desenvolvimento do produto que, neste caso, é uma padronagem aplicável a peças do vestuário para profissionais da saúde. Para tanto, como citado anteriormente, recorremos a uma pesquisa de campo realizada por meio de questionário organizado em um formulário on-line por onde coletamos dados acerca das experiências e memória das pessoas inseridas em unidades de saúde diversas, atuantes em áreas como: enfermagem, psicologia, odontologia, medicina, terapia ocupacional, fisioterapia, farmácia e assistência social.

As informações coletadas resultaram em dados traduzidos para a construção e desenvolvimento da estampa como, por exemplo quando os entrevistados colocam que sentiram falta de momentos, pessoas e vivências, resultando na estampa apresentada (figura 10).

Ademais, a aplicação em vestíveis para profissionais de saúde também é capaz de contemplar os pacientes, acompanhantes e demais pessoas. A utilização em uma touca como exemplificado na figura 11, pode ser uma opção para proporcionar um ambiente que leve ao imaginário, não só daquele que utiliza do objeto, mas de todos que ali convivem e interagem.

Figura 10: Rapport da estampa proposta



Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 11: Aplicação da estampa proposta



Fonte: Elaborado pelos autores.

4. Considerações Finais

As latentes demandas e anseios na contemporaneidade levam a interação de campos ainda não explorados a fim de estabelecer possíveis caminhos não só para soluções práticas e formais, como também, para aquelas que permeiam o campo do sensível e das emoções.

Desse modo, buscamos atender não somente as problemáticas físicas desenvolvidas pela pandemia da Covid-19, assim como, aquelas psicológicas, que se encontram na subjetividade. Utilizando ainda da interdisciplinaridade presente no design contemporâneo, em suas relações entre a arte e a memória, percebendo no processo criativo, um amplo espaço para desenvolvimento de novas ferramentas que sejam capazes de criar espaços que favoreçam a percepção de conforto e tranquilidade para além do palpável.

Utilizamos como ponto de partida para o processo criativo o diálogo entre a memória no design e na arte, por meio de um questionário *on-line* via *Google forms* a fim de levantar informações relacionadas as vivências e memórias de profissionais da saúde que estivessem em contato direto ao enfrentamento a Covid-19, bem como revisão de literatura.

Por meio de uma metodologia plástica, aplicando o entendimento de quais formas proporcionavam uma semântica capaz de traduzir tais relações, desenvolveu-se uma estampa a fim de gerar percepções de conforto em relação ao espaço de trabalho.

Dessa maneira, recriar espaços e ambientes que nos retomem ao que é confortável e seguro, não só constroem novas possibilidades de entendimento às questões do nosso tempo, mas nos possibilitam enfrentá-las. Assim, desenvolvemos aqui outras narrativas capazes de atingir para além das questões fisiológicas, mas também psicológicas por meio da subjetividade, abrindo espaço para outras questões que partilhem do sensível dentro do design e da arte.

São caminhos que se constroem na percepção de novas e outras formas de criação para além das práticas comuns, acessando lugares ainda não muito discutidos, possibilitando para pesquisas futuras a aplicação em diferentes produtos, objetos e espaços.

Referências

ABERGO, **NORMA ERG BR 1002**. Disponível em <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/748661/mod_resource/content/1/norma_erg_br_1002_deontologia.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2021.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos. 2009.

ANDRADE, Ana Beatriz Pereira de; MOURA, Mônica. **O papel das memórias no Design Contemporâneo**. Ensaios em Design: ações inovadoras. Bauru: Canal6. 2016.

BOSI, Ecléa. **Memórias e Sociedade, lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor, LTDA. 1979.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

FERREIRA, A.; FERREIRA, F. N.; OLIVEIRA, F. R. **Têxteis Inteligentes - Uma Breve Revisão da Literatura**. n. July 2015, 2014.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes. 2017.

HELLER, Eva. **Psicologia das Cores: Como as cores afetam a emoção e a razão**. Tradução: Maria João Batalha-Reis. Lisboa: Edições 70, 2000.

MOURA, Mônica. **Poéticas do design contemporâneo: a reinvenção do objeto**. III Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual, 2010, Goiânia. Anais do III Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual. Goiânia: Editora da UFG, 2010

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos: história, tramas, tipos e usos**. Editora Senac São Paulo, 2021. 21.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memórias, dor**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 3 ed. 2008.